

DIÁLOGOS TRANSVERSAIS: ENTREVISTA COM ARIANO SUASSUNA*

Alex Beigui
Yuri Magalhães¹



Yuri: Primeiramente, a minha dissertação trata da influência do épico e do trágico no Romance d'A Pedra do Reino. E eu vim aqui, justamente, para fa-

* Entrevista realizada no dia 19 de agosto de 2013, na residência do autor, no bairro Casa Forte, em Recife/PE.

¹ Alex Beigui é ator, dramaturgo e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Artes Cênicas pela UFBA, com doutorado em Letras, na área de Dramaturgia Comparada (USP). Yuri Magalhães é ator, diretor e professor de Teatro. Licenciado em Teatro e Mestre em Artes Cênicas, pela UFRN. Atualmente, trabalha como professor na Universidade Regional do Cariri, em Juazeiro do Norte (CE).

zer algumas perguntas que possam contribuir para a minha pesquisa de mestrado, a ser defendida lá na UFRN. Então, para começar, em sua obra, nós podemos perceber inúmeras citações. O *Romance d'A Pedra do Reino* possui alguma influência das epopeias de Homero e Virgílio? Ou de outras obras? Como ocorre esse processo de apropriação de outros textos da tradição, em seu processo de escritura?

Ariano: Olhe, acho que tem uma presença, aliás, evidente, de Homero, é muito evidente. De Virgílio, menos, porque eu gosto mais de Homero do que de Virgílio. Aliás, se tem de Homero tem que ter de Virgílio, porque Virgílio é um seguidor fiel de

Homero, não é? Eu acho que ele até se sentiu mal com isso, no fim da vida, porque ele pediu para não publicar o livro dele, mas publicaram! Não o obedeceram, e olhe o que fizeram com ele. Porque a *Eneida* é um mito, inclusive pra nós latino-americanos, e brasileiros em especial, tem um sentido muito honroso. Eu não sei se você viu, por acaso, o filme que Carla Camurati fez sobre o rei D. João VI...

Alex: D. João VI, seria o “Carlota Joaquina”?

Ariano: De Carla Camurati.

Yuri: Sim, vi.

Ariano: Pois bem, ela me chamou pra ver o filme, eu vi, e disse a ela: Olha, você foi muito injusta com D. João VI, porque D. João VI é apresentado, aliás, é uma coisa quase que geral, como uma figura ridícula, não é? Como uma figura ridícula, sujo, comilão. Olhe, ele até poderia ser isso tudo, mas ele foi uma figura extraordinária. E ele desempenhou um papel. Eu disse até a Carla Camurati (eu não devia nem ter dito por que terminou sendo uma grosseria com ela), eu disse: Olhe, só houve outro exemplo na história, semelhante, de um rei que, derrotado, se deslocou, com toda a sua corte, para outro lugar e fundou um novo país, foi Eneias, é por isso que a gente diz A Eneida, Eneias com Anquises. No caso aí, Dom Pedro foi e Eneias, e Anquises era o D. João VI. Eles se transportaram. Troia sendo derrotada, eles se transportaram para a península itálica e fundaram Roma. D. João VI fez isso, e eles fizeram isso. Agora, Eneias e Anquises tiveram a sorte de encontrar Virgílio, e D. João VI encontrou você!² (Risos) Daí ela me disse: Mas eu estive em Portugal, e a opinião unânime lá é contra D. João VI. Eu digo: E você é portuguesa? Porque essa é a opinião dos portugueses, porque eles não o perdoam pela independência do Brasil, e foi ele quem fez! Foi D. João VI que fez a independência do Brasil, Portugal até hoje não se conforma por ter perdido o Brasil, mudou o Brasil! Eu também, se fosse português, teria uma raiva danada de D. João VI. E você pegou essa opinião dos portugueses e fez sua! E, principalmente você, que é carioca, porque eu acho que pro Brasil ainda pode ser que como pros portugueses ele seja o D. João VI, mas

pros cariocas? Você veja; ele abriu os portos, em primeiro lugar. Segundo lugar; fundou o Banco do Brasil. As instituições que ele fundou estão todas aí. Fundou a Biblioteca Nacional, doou inclusive, a biblioteca nacional está lá! Foi D. João VI que doou, não sei se doou ou fundou. O Jardim Botânico... não é? Quer dizer, ele, para o Brasil, foi uma figura de importância crucial! Pois bem, então eu, que sou uma pessoa muito atenta a essas coisas, desde muito moço... é claro que na *Pedra do Reino* tudo isso está sendo colocado num ponto de vista irônico; o épico na *Pedra do Reino* está tratado com um ponto de vista irônico, mas tem um lastro de verdade e entusiasmo em minha obra que é meu. (Risos)

Alex: Porque, na verdade, fica muito evidente a questão da epopeia no romance, então é um livro híbrido, não é?

Ariano: É, é verdade.

Alex: Então, fica muito claro isso. Mas a tragicidade, porque há elementos trágicos...

Ariano: Há, perfeito.

Alex: Então essa tragicidade, ela não é tão evidente, eu acho que pela própria proposta de ser um romance, isso é...

Ariano: A tragicidade. Veja bem, eu procurei colocar o que existe de trágico no personagem que é o padrinho de Quaderna, Dom Pedro Sebastião. Ele é um personagem trágico, não é? Quaderna não é, porque ele sai pelo cômico.

Yuri: Ele entraria, então, nessa perspectiva, do “bode expiatório” da tragédia grega?

Ariano: O quê?

Yuri: Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto, ele entraria na perspectiva do farmacós, do “bode expiatório” da tragédia grega?

Ariano: O Dom Pedro Sebastião?

Yuri: Isso.

Ariano: Não... eu acho que não necessariamente o bode expiatório, porque... você veja: o bode expiatório era mais uma figura ritual e religiosa, não é? Porque representava Dioniso, que era o deus do teatro, não é? Era o animal sagrado de Dioniso, o bode. “Bode” em grego é *tragos*, o nome tragédia vem de *tragos* que significa “bode”, porque era o prêmio (inclusive)... era o prêmio dado ao dramaturgo que ganhava o concurso literário, digamos assim, que acontecia concomitantemente

² Referindo-se à Carla Camurati, diretora do filme “Carlota Joaquina”.



com as olimpíadas, não é isso? Eles faziam os jogos olímpicos, e nos jogos olímpicos se encenavam as trilogias, as tetralogias, se encenavam as peças e o prêmio era um bode em homenagem a Dioniso. Então, era um animal sagrado, não é? Agora, pode ter uma alusão a isso, pelo fato de que eu criei no Dom Pedro Sebastião uma figura paterna. Eu não sei se você prestou atenção a isso, mas, muito mais do que o próprio pai de Quaderna, Justino Quaderna, o pai (verdadeiro pai), que ele admira, o pai que ele protege, é o Dom Pedro Sebastião, não é? De padrinho. Não é à toa que padrinho é o substituto do pai. Então, se você prestar bem atenção, a figura trágica na *Pedra do Reino* é o pai substituto de Quaderna... porque o Quaderna tem uma face ambivalente. Ele tem um lado que é trágico, sério, e tem um lado palhaço; um lado irônico, um lado cômico. Você sabe que, de todos os tipos de riso, o humorístico se caracteriza por ser essa fusão de doloroso e risível. Quaderna é um personagem não propriamente cômico, ele não é somente cômico, ele é humorístico, que ele tem um lado cômico e um lado doloroso.

Alex: E ele é profano, não é? Ariano.

Ariano: Sim, profundamente, até no ponto de vista religioso, ele funda um novo... um catolicismo próprio, não é? Onde ele possa estar saindo. Eu divido sempre o romance em dois hemisférios: o hemisfério rei e o hemisfério palhaço. Então Quaderna funde isso muito bem, não é? No hemisfério rei, quando ele está exercitando o hemisfério rei dele, ele é o filho do rei assassinado, que é Dom Pedro Sebastião, o rei degolado, ele é o personagem que é sujeito ao sofrimento, como todos nós. Mas ele, do lado palhaço, ele tem essa saída, ele sai pelo riso.

Yuri: Nós sabemos que os personagens trágicos como Agamênon, Electra, Édipo, Antígona... eles possuem uma linhagem trágica. Essa linhagem trágica da tragédia grega influenciou na escrita, na linhagem trágica de Quaderna?

Ariano: Eu acho que sim, você veja que ele mesmo faz a narração que seria, por exemplo; ele é uma espécie de “Orestes”, não é? E Orestes é filho de um rei assassinado como Quaderna, e como eu. (Risos)

Alex: Na *Pedra do Reino*, tem aí um escritor que domina a estética completamente, então tem um

lado intuitivo-criativo, mas tem um lado também de extrema consciência. O lado “Ariano crítico”, “Ariano professor”, a biografia do Ariano, na verdade, que é muito forte, entra na obra?

Ariano: Entra. Olhe, eu vou lhe dizer, na verdade já tem relatos por aí. Na verdade, *A Pedra do Reino* surgiu de dois fracassos meus. Eu, nos anos de 1950, tentei escrever uma biografia do meu pai. Mas eu não consegui levar adiante, aquilo era como se eu estivesse mexendo numa ferida nunca cicatrizada, não consegui. Aí eu tive o primeiro fracasso, que eu não consegui fazer essa biografia. Depois eu tentei fazer um longo poema épico sobre ele, que se chamaria *Cantar do Potro Castanho*, mas eu também não conseguia. A poesia dava um distanciamento maior mesmo, mas, mesmo assim, eu não conseguia. Então, eu deixei pra lá, e disse: “Eu não vou tentar mais nada nessa vida não.” Aí, em 1958, depois de eu ter deixado isso pra lá, comecei a querer escrever um romance que terminaria sendo o *Romance d’A Pedra do Reino*. E se eu perceber; a *Pedra do Reino* terminou sendo o substituto ficcional do romance, da biografia e do romance, e do poema que eu não tinha conseguido escrever. Eu só percebi depois. Depois eu fiz várias versões, eu faço sempre várias versões depois que eu escrevo. Numa das versões, que eu dei por terminado, que eu pensei que estava terminado, veio uma irmã que eu tenho chamada Germana, cuja opinião eu levo muito a sério, aí ela disse pra mim assim: “Ariano, você percebeu que a morte do padrinho de Quaderna é a morte de João Dantas?” Eu lembro que era um fato pessoal ligado à minha família. Aí eu fui olhar: “E é mesmo!”. João Dantas foi encontrado morto com a garganta cortada no dia 06 de Outubro de 1930, na detenção aqui do Recife, que é hoje a Casa da Cultura, num aposento elevado e estava trancado por fora, então, aí eu vi que era mesmo. Inconscientemente, eu tinha recriado a morte de João Dantas na *Pedra do Reino*, como fato ficcional, mas tinha uma origem (inclusive) autobiográfica minha, muito forte! Então, depois que ela me disse isso, eu acentuei um pouco a semelhança, dei para planejar racionalmente de propósito, de maneira que terminou o seguinte: não é que os Garcia-Barretto seja os Dantas Vilar, não é que os Quaderna seja os Suassuna, eles são uma recriação exagerada, meio caricatural, das duas famílias. Como também

os dois personagens que representam a esquerda e a direita, Clemente e Samuel, são criados a partir de dois tios meus, que exerceram uma influência fortíssima na minha formação de escritor; meu tio Joaquim Dantas forneceu elementos para “Samuel” de direita, e meu tio Manuel Dantas Vilar forneceu elementos pra “Clemente”, que era de esquerda.

Yuri: Eu percebo que o senhor acrescenta uma ironia. Existe uma ironia muito forte nesse crime, que não é solucionado no *Romance d’A Pedra do Reino*, porque acaba o livro, mas não se sabe como. Talvez essa seja a grande ironia da obra, ou uma das grandes ironias da obra, que é esse crime sem solução, que eu acho que é uma questão que o senhor trouxe para (talvez) uma questão real...

Ariano: Olhe, veja bem. Eu, quando menino, eu li muito, quando menino mesmo, adolescente! Eu li muitos romances policiais e muitos romances de aventuras. Tem um romance, dois de aventuras... dois não, três ou quatro... porque eu li muito Alexandre Dumas nessa época, eu tenho uma admiração por ele (ainda hoje) enorme, eu não admito que seja considerado um escritor de segunda mão não! Eu tenho uma admiração por ele enorme. E existe um discípulo dele que eu admiro muito também, uma figura muito curiosa, um escritor chamado Rafael Sabatini, não sei se você já ouviu falar nele. Ele era uma figura curiosa, porque ele era filho de uma mulher inglesa, a mãe dele era inglesa e o pai era italiano, e ele nasceu em Portugal, certo? Ele tentou escrever esse livro, que eu tenho uma admiração enorme, uma verdadeira obsessão, é *Scaramuccia*. E eu gosto muito também de *Memórias de Um Médico* de Alexandre Dumas, e muito mais... dos *Três Mosqueteiros*... Pois bem, eu li muito na infância e na adolescência esses dois escritores de aventuras, e li muito dois escritores de romances policiais: Conan Doyle, o autor de Sherlock Holmes e um autor chamado Edgar Wallace, um inglês, pois bem, se você tiver curiosidade de sair por aí vá pelo livro; tem um momento que o corregedor interrogando Quaderna sobre a morte do tio, que ele suspeita que foi o Quaderna... aí ele começa dizer, quando perguntam: “Não olhe, o meu crime é insolúvel e não tem pista, nenhuma foi encontrada, com pista é fácil, pista é pra esses romancezinhos estranhos aí, o meu não tem pista não, e aconteceu o fato.” Aí ele diz: “Mas não tinha pista nenhuma?”... “Não

tinha pista nenhuma! Nem vela dobrada, nem alfinete novo, nem disco mortífero...” isso tudo é das minhas leituras de infância.

Yuri: Então é uma ironia com essas leituras que o senhor possui...

Ariano: Não, é uma ironia com o fato. E outra coisa, eu tentando dar um tom... eu procuro dar um tom cômico àquele fato que pra mim foi terrível, não é? A morte de João Dantas é um negócio horrível, inclusive foi a causa da morte do meu pai. E aí eu faço uma brincadeira... vocês são paraibanos?

Alex: Eu sou paraibano.

Ariano: E ele?

Yuri: Eu sou carioca e cresci em Natal. Eu sou natalense de criação.

Ariano: Então, é... eu estava falando na morte de João Dantas...

Yuri: Na morte de João Dantas que acabou resultando na morte de seu pai.

Ariano: Sim, o nosso conterrâneo,³ Bráulio Tavares, é um grande especialista. Eu escrevi lá na *Pedra do Reino*, eu escrevi para tirar uma brincadeira comigo mesmo, nunca pensei que alguém entendesse aquilo quando ele disse... aí, Bráulio Tavares foi em cima! Ele disse pra mim, e ele escreveu até: “Aquilo é uma situação típica de romance policial que se chama crime de quarto fechado”. E ele tinha lido, e por acaso ele conhecia os dois livros de Edgar Wallace que eu estava brincando com ele, era... chama-se *A Pista do Alfinete Novo* e a *Pista da Vela Dobrada*, mas eu disse: “Não tem pista nenhuma! Não tem pista do alfinete novo, não tem vela dobrada!” Eu nunca pensei que alguém identificasse, ele identificou e foi lá. *A Pista da Vela Dobrada* é um crime em que o sujeito é encontrado morto dentro do quarto, com a tranca de ferro por dentro. No meu é por dentro, a diferença é que lá tinha a vela dobrada no chão, era a única coisa que tinha, e na de Quaderna nem isso! Não tinha alfinete, não tinha nada. Sabe como teria sido a morte lá do nosso, lá do da *Pista da Vela Dobrada*? O assassino matou, o camarada dele queria matar, deixou lá ele deitado na cama, ele tava dentro do quarto, não é? Aí ele pega a tranca de ferro que vai cair “aqui” no gancho, não é? Ele deixa encostada

³ Do autor e do professor Alex Beigui.



uma vela acima da tranca, sai, tranca a porta com chave por fora e acende a vela, ou seja, aí a vela vai desmanchando, desmanchando, quando a vela acaba de desmanchar, a tranca cai. Aí eu me baseei nessa brincadeira.

Yuri: Em determinada parte do *Romance d' A Pedra do Reino*, Quaderna revela que em sua infância se envergonhava de seus antepassados, em razão desses inúmeros assassinatos, como o massacre da Pedra do Reino e tudo mais... daí, já na fase adulta, Quaderna passa a enxergar o passado trágico da família como um “pormenor” que apenas realça a sua extirpe nobre...

Ariano: É até honroso! (Risos) E ele compara com um rei de fora né? Ele diz: “Olhe, o rei Felipe, o Belo, da França, falsificava dinheiro...” aí ele diz: “Falsificação de dinheiro é um crime *chinfirim* comparado com degolar uma pessoa...”; do ponto de vista régio e monárquico, ele quer é embelezar esse fato horroroso né, aí ele compara com o rei de fora.

Yuri: Daí nós sabemos que na tragédia grega, na Antiguidade Clássica, o “fim trágico” enobrece, então esse entendimento influencia o pensamento de Quaderna?

Ariano: Influencia. Agora, você veja bem... ele apenas dá o conceito grego de trágico, ele dá, e dá como se nada desse passado desonroso dele dividisse, o que ele faz por meio do humor às vezes, não é? (Risos) E ele levando a sério!

Yuri: Então essa questão da nobreza do herói trágico... Quaderna também se...

Ariano: Ah claro! Do ponto de vista dele, ele é uma pessoa altamente nobre, não é? Altamente nobre! E o pai dele também, não é? Ele exalta todas essas coisas para poder se engrandecer a si mesmo.

Alex: Essa questão, por exemplo... falei um pouco da crítica, da biografia pessoal, mas tem uma biografia histórica também, não é, Suassuna? Vários episódios históricos estão na Pedra do Reino... guerras, batalhas... e aí tem uma questão que é esses fatos históricos que são ficcionalizados, mas a referência é muito forte, principalmente pro Nordeste. E aí eu queria perguntar sobre... a ironia não é só da personagem. Tem uma ironia também da questão do contexto social brasileiro, em relação a esse movimento de absorver as ideias de fora, de

uma maneira, sem peneira, e valorizar o... porque Quaderna vem, de certa forma, com a ironia, mas vem colocar valores que passam às vezes despercebidos da classe, vamos dizer “privilegiada”, que tenta copiar esses modelos de fora, não é?

Ariano: É, agora, você veja bem: há uma maneira diferente quando ele encara, quando você fala desses modelos que vêm de fora... ele tem uma maneira diferente de encarar os modelos mais ligados ao capitalismo e dos outros que vêm da aristocracia. Ele não leva a sério, não é? Ele... eu não sei se você se lembra, mas tem um trecho onde ele lê quando ele está sozinho, ele está em cima do lajedo, e ele lê uns trechos escritos por Antônio Conselheiro, e ali tem uma denúncia muito forte contra o capitalismo e contra o seu campeão do mundo, que é os Estados Unidos, não é? Ali ele fala com raiva mesmo. Ele quer levar na graça, e ele leva.

Yuri: Tem um trecho no romance que tem uma cegueira que acomete Quaderna, que ele é metaforicamente cego por dois gaviões... e Quaderna também se define como “decifrador” e “charadista”. Poderíamos identificar uma influência do *Édipo Rei* nessa perspectiva?

Ariano: Sim! Do *Édipo Rei* e de Homero também! O fato de Homero ser cego. Ele faz questão de ser cego também, para não ficar abaixo de Homero. E ele tem isso de Édipo também. Eu não sei se você se lembra, mas ele tem uma página charadística no jornal do Comendador Basílio Monteiro, que se chama Édipo! Ele chega a dizer: “Camões era inferior a Homero porque era cego só de um olho”. (Risos) Se ele fosse dos dois, seria como Homero... (Risos).

Yuri: Quaderna então... ele é uma representação, uma personificação da transição da epopeia para o romance? Uma vez que ele decide escrever um romance em vez de uma epopeia?

Ariano: Sim, também! E há também uma espécie de fusão de uma visão do herói trágico para o herói picaresco.

Yuri: Lukács fala que o epopeieta descreve a realidade externa a si, enquanto o escritor do romance preenche a realidade com sua subjetividade. Então, esse excesso de subjetividade seria um fator que o inibiria de escrever uma epopeia?

Ariano: Não... Sim, talvez. Digamos uma epopeia em verso. Mas, quando ele define, não sei se

você se lembra, ele, com a ajuda de um dicionário, define o romance. Aí ele procurou juntar tudo debaixo do nome do romance, ele acha que o romance é ótimo porque ele pode mentir a vontade! (Risos) Dentro do romance, ele pode colocar todos os gêneros.

Yuri: O Lukács fala também que o romance é um jeito de escrever sem se arriscar. Daí o Quaderna fala que ele poderia reconstruir um reino através da literatura, sem se envolver em “matanças e mortrências”.

Ariano: Olha, eu não conheço o Lukács, eu nunca li o Lukács, não. Inclusive porque me jogavam muito na cara e às vezes eu batia ele, eu não sabia, eu nunca li Lukács não. Agora, pelo que você está me dizendo aí, eu até devia ter lido.

Yuri: E Lukács, ele fala justamente do romance, em que o autor escreve e ele não se envolve em muitos riscos. E Quaderna, ele fala que é uma forma de reconstruir seu reino sem se envolver em “matanças e mortrências”, não é?

Ariano: É, sem arriscar o pescoço.

Yuri: É, então coincidiu muito com esse pensamento do Lukács.

Ariano: Tá bom, tá ótimo!

Alex: Eu queria perguntar sobre essa questão do processo de escritura. Do seu processo de escritura. A questão da criatividade e do imaginário, como é que ele se opera. Porque, quando a gente pega o livro da *Pedra do Reino*, a gente percebe uma influência textual de vários momentos; tanto da tragédia quanto da época clássica, quanto do armorial, do movimento armorial, que tem influência da Idade Média, enfim... tem todo processo ali de... cultura popular, uma discussão sobre cultura popular, o enfrentamento da cultura erudita, do contexto social... e o Quaderna, ele, um pouco, parece com o Macunaíma, numa outra perspectiva. No sentido de que a pedra é o muiraquitã, que o Macunaíma procura, Quaderna foi procurar as pedras do reino que ele achava que nem existiam, mas quando ele chega lá, ele vê que existe, e que é até uma decepção porque ele acha que as pedras eram...

Ariano: (Risos) É, ele acha até obscenas, as pedras...

Alex: E são fálicas, não é? Então, nesse processo todo há um... O senhor falou que não leu Lukács, mas há uma investigação com anotações ou é um

livro escrito de um sopro só? Não, ou sim?

Ariano: A *Pedra do Reino* foi muito... eu passei doze anos escrevendo. A princípio, Quaderna nem existia, certo? O personagem principal era Sinésio, o Alumioso. Então, eu comecei a escrever, de repente eu comecei a notar que havia alguma coisa de falso e que eu não sabia o que era, aí eu parei e comecei a refletir. Aí eu vi que era a minha pessoa. Eu não devia ser o narrador, eu não devia contar a estória, certo? Não queria contar... tinha que existir um personagem para contar. Aí, eu criei um personagem, mas a princípio ele era só um narrador, e continuava como personagem principal o outro, o Rapaz-do-Cavalo-Branco... mas aí ele começou a crescer de ponta a ponta, aí eu tentando empurrar ele lá pra baixo e ele subia, depois da terceira ou quarta vez eu tentei e não consegui eu disse: “*Omi*, fique!”. E ele se tornou o personagem principal, certo? Porque eu vi que, através dele, além de contar a estória eu podia contribuir pra ele... porque Quaderna não sou eu, mas tem muita coisa minha... inclusive eu tiro com isso, o dia do aniversário dele é o mesmo dia do meu (risos), por acaso é o mesmo dia do Périplo, do Ulisses, do Jorge que é Bloom, não é?

Alex: O *Bloomsday*.

Ariano: É, o 16 de junho.

Yuri: Em *Os Sete Contra Tebas*, de Ésquilo, nós podemos observar a disputa de Etéocles e Polínicés, após o exílio de Édipo. Então, após a morte de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto, nós temos uma disputa entre Sinésio e Arésio. Nós poderíamos identificar uma influência dos *Sete Contra Tebas*?

Ariano: Muito, perfeitamente. Parabéns pela argúcia! Tem um parentesco muito... inclusive, a *Orestíada* é um livro que me toca muito, e Ésquilo é um dramaturgo que me toca muito, Ésquilo e Sófocles, mas Ésquilo sobretudo por causa de Orestes, por causa daquilo que eu lhe disse. Olhe, pra mim são três graus de afastamento... você tem Orestes, inclusive Orestes tem um amigo, não é? Pilades. Orestes e Pilades...

Yuri: Lino Pedra Verde seria o Pilades?

Ariano: Não, não, ele é da família. Então você tem Orestes... e você tem Hamlet e Horácio, filho, como Orestes, de um rei assassinado. Não é? E você tem Ariano Suassuna (Risos), filho de um rei assassinado.



Yuri: Tem muitas similitudes.

Ariano: É, há um parentesco por aí... Dadas as devidas proporções. E isso vai ficar mais claro nesse livro que eu estou escrevendo, na *Pedra do Reino* não está muito claro não, porque Ariano Suassuna não está presente.

Yuri: E ainda na perspectiva esquiliana, temos também *Os Persas*... que na *Pedra do Reino* tem uma menção à Guerra de Princesa, então essas Guerras Médicas que, de certa forma, influenciaram a escrita de Ésquilo...

Ariano: Eu me lembrei assim, não tão conscientemente, tal qual Homero, eu sabia que nas epopeias tinha isso, certo? Então eu fiz da Guerra de Princesa a Guerra da Pedra do Reino.

Yuri: Assim como em *Os Persas* há um fundamento histórico, na *Pedra do Reino* também há um fundamento histórico, que é a Guerra de Princesa...

Ariano: Sim, perfeitamente.

Yuri: Seria outra característica de Ésquilo que detectei na sua obra.

Ariano: É. E eu não dei um título de rei a João Pessoa, porque eu queria dar a catarse a ele. (Risos)

Yuri: Então, vejamos, a ausência de uma linearidade na obra é uma contraposição intencional à unidade aristotélica?

Ariano: Não, olhe, eu sou um admirador das unidades aristotélicas... Não sei se você se lembra, mas a *Pedra do Reino*, em si, ela dura um dia.

Yuri: Então é um tempo de sol...

Ariano: É uma unidade de tempo. É o tempo de narração, porque o tempo de narração dele ao corregedor passa-se num dia só. Quando ele sai do depoimento ao corregedor, a noite está começando a cair.

Yuri: E nós percebemos, assim, que, Quaderna, como o herói grego, ele tem uma... O herói grego trágico tem um destemor, uma desmedida. Quaderna tem uma grande vontade que é a de reconstruir esse reino, mas ele não quer arriscar sua integridade física...

Ariano: ... Agora, você veja bem: ele, de vez em quando fala isso, que ele não tem coragem, mas você se lembre que o livro é um apelo que ele está fazendo no processo, ele quer aparecer como pacífico, certo? Então, ele não queria nem fazer nada disso...

Alex: Mas vai fazendo.

Ariano: Vai fazendo! Você viu a adaptação da *Pedra do Reino* pra televisão?

Yuri: Tenho o DVD.

Ariano: Tem? Você presta atenção... eu escrevi aquele final de propósito, e lá...

Yuri: Eles mudaram o final...

Ariano: Mudaram não, fui eu! Não sei se você... por que aquilo só se revelava no terceiro romance. No terceiro depoimento que ele narra, no quarto... ele abre a camisa e mostra os ferimentos que ele recebeu durante a vida toda, o que faz “Margarida” se desmanchar de amor por ele, está entendendo? Ele tá fazendo o depoimento pelo motivo de que ele quer conquistar Margarida... aquilo ele está se mostrando pra Margarida, não é? Pois bem, aí, no fim, ele mostra uma face real dele, uma coisa que ele nunca faz, ele mostra o que ele passou durante a vida toda. E não é de homem frouxo não! (Risos) Ele está cheio de ferimentos.

Yuri: Diferentemente do herói trágico grego, ele não segue uma linha reta em si...

Ariano: Não.

Yuri: Então ele contrapõe a esse herói trágico essa perspectiva? Seria um herói antitrágico, ou herói trágico? Qual seria a melhor nomenclatura para tentar defini-lo?

Ariano: Não, ele é. Digamos... ele é um herói trágico, que se traveste de herói cômico, pra escapar da prisão. E outra coisa que eu revelo na minissérie: foi ele quem se denunciou a si próprio, porque ele não quer ser considerado inferior, a ideia dele tinha sido essa. Ele diz: “Olha, o importante sou eu, tanto assim que estou sendo procurado!” Mentira, foi ele que mandou a carta denunciando ele mesmo!

Yuri: Inclusive na obra não tem...

Ariano: Ele é o mártir da literatura! (Risos)

Yuri: Já na TV que ele revela. Na obra não... na obra não fica claro quem foi.

Ariano: Ah, sim! Porque a obra teria uma continuidade que não teve, não é? Eu avancei o final da terceira para a adaptação da TV.

Alex: Ela, a obra, é dividida em folhetos. Não é isso? Que me lembra um pouco a divisão... toda uma influência assim da divisão de obras narrativas, por exemplo: se a gente pegar *A Divina Comédia*, enfim... o *Fausto*... tem uma divisão, os folhetos...

Ariano: *A Divina Comédia* sempre exerceu um fascínio enorme sobre mim, viu? Inclusive pelo seguinte: vocês acabam de me falar que a *Pedra do Reino* não é uma tragédia grega, não é, ela vem, mas não é. Vocês já viram que na *Divina Comédia* acontece a mesma coisa? *A Divina Comédia* é uma epopeia completamente singular! Começa que o personagem é o narrador, isso é uma característica da poesia lírica, não é? Você vê, a pessoa que fazia poesia lírica era “eu”... *Eu cantarei meu amor tão docemente, por uns termos em si tão concertados...* não é? *Alma minha gentil, que te partiste... naquela triste e leda...* é um poeta lírico! O narrador principal é o ator principal...

Alex: Que é acompanhado na *Divina Comédia* por um poeta...

Ariano: Na *Divina Comédia*, o autor é o narrador. O narrador é o personagem... isso é uma qualidade da poesia lírica!

Yuri: É Virgílio quem o acompanha.

Ariano: É, mas Virgílio sendo ele mesmo! O poeta! Ele começa... *Eu o encontrei por uma estrada escura...* eu! Quer dizer... e é o Dante que anda pelo inferno, pelo purgatório, e pelo paraíso. Virgílio o acompanha até o purgatório.

Yuri: Podemos entender esse juiz-corregedor como uma personificação do julgamento da *polis*?

Ariano: Sim, podemos sim, exatamente! Com todos os equívocos que isso acarreta, não é? O corregedor não entende Quaderna, não alcança nada do que ele fala, não é? Ele quer enquadrar Quaderna nos autos de um processo comum, e não pode... Mas ele é isso! Tanto do ponto de vista político...

do ponto de vista literário, ficcional etc. Ele representa essa visão estreita do real que jamais poderia abarcar Quaderna. É o que chamamos a literatura de o “antagonista”, não é? Quaderna é o protagonista, e o corregedor é o antagonista. Praticamente é o “espelho” ao contrário.

Yuri: Então, uma pergunta para finalizar, voltando já para o Lukács. Ele fala que a epopéia, a *Iliada* e a *Odisséia*, eles imprimem uma totalidade do mundo grego. Então, a *Nordestiada*, que seria escrita pelo Quaderna, caindo pelo viés irônico, seria uma forma de Quaderna imprimir uma totalidade da região nordeste nessa perspectiva?

Ariano: Sim, é uma tentativa de fazer da sua pátria um lugar sagrado, como a Grécia pra Homero, como a península itálica pra Virgílio, Florença, na Toscana, pra Dante, é a tentativa de fazer seu *tropos* heróico.

Yuri: Esse caráter nacional é muito forte, a epopeia, e ele traz para a epopeia nordestina o caráter heróico do nordeste.

Ariano: Exatamente. Ele, além de achar que o nordeste é o coração do Brasil, ele acha que o sertão é o nervo e o dorso do nordeste, certo?

Yuri: Bom, eu acho que é só...

Alex: Queria agradecer, Ariano...

Ariano: Não, eu que estou muito satisfeito. Não por estar na frente de vocês, não. Pela primeira vez me fizeram perguntas novas e diferentes (Risos). Eu já não aguento mais não! (Risos) O Alexandre fala brincando que ele vai providenciar um gravador... “resposta um, resposta dois.... e aí... aperta aí o botão um!” (Risos) Eu não aguento mais não!

